



CF (FN) Ricardo Parreiras de **Bragança** Oneto Araujo
braganca.03@hotmail.com

Forças de Fuzileiros Navais no Século XXI: a transição do USMC



CF (FN) **Bragança** é atualmente Oficial de Ligação do CFN junto ao “*Marine Corps Combat Development Command*” (MCCDC) do USMC. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (C-EMOS) da EGN, em 2017. Serviu no 1ºBtlInfFuzNav, como Comandante de Pelotão e Imediato de Companhia; e no Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais como Comandante de Pelotão, das 2ª e 3ª Companhias e Oficial de Estado-Maior. Compôs o 5º Contingente do GptOpFuzNav – Haiti e serviu ainda no Gabinete do Comandante da Marinha, como Assessor de Relações Institucionais. Comandou a Companhia de Polícia do Batalhão Naval (CiaPolBtlNav). Possui também Pós-Graduação em Gestão Empresarial pelo Instituto COPPEAD, UFRJ.

Figura 1:



Fonte: O autor.

Introdução

O período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe questionamentos sobre a pertinência da manutenção de investimentos em diversos setores militares. Segundo analistas e assessores políticos, o futuro dos orçamentos militares se resumiria a investimento na dissuasão nuclear.

Um setor possivelmente fadado ao desinvestimento seria aquele academicamente denominado “tropas de elite”, dentre as quais se destacam os Fuzileiros Navais (FN). De maneira geral, ainda que existam diversas variações entre os países que possuam esse tipo de capacidade, são forças de projeção de poder, diferenciadas em equipamento mas principalmente em recursos humanos. Versáteis e expedicionárias por natureza, as também

denominadas tropas anfíbias não mais teriam papel frente aos bombardeiros estratégicos de longo alcance.

Mas a marcha inexorável do tempo trouxe, ainda no século passado, a certeza de quão diferenciados são os poucos países que dispõem de forças de FN críveis e com real capacidade expedicionária, proporcionada pelos meios navais formando o binômio denominado “conjugado anfíbio”. Os FN foram empregados com destaque nos mais diversos papéis e tarefas: da guerra convencional às guerras de guerrilha por todo o mundo.

A chegada do novo milênio trouxe ainda mais desafios. O espectro do uso da força vem sendo ainda mais demandante. Das operações com uso de “zero” violência, dentre as quais as Operações de Ajuda Humanitária e de Defesa Civil até a possibilidade remota (mas não inexistente) de Operações em ambientes com risco NBQR (Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico) na guerra total. Entre um e outro extremo, possibilidades infinitas: guerras localizadas, projeções de força pontuais, ações em apoio à segurança pública, ajuda no combate à proliferação de vírus, etc. Entretanto existe um aspecto que sempre fará com que os FN se diferenciem de outras unidades militares: sua versatilidade ou capacidade de adaptação. São adestrados para realizar operações tão complexas, que outras se tornam possíveis seguindo a mesma sistemática de planejamento, variando a intensidade e o grau de uso da força.

É sobre as perspectivas futuras de emprego do USMC que passa-se a discorrer.

O “United States Marine Corps” (USMC)

O ano de 2018 trouxe uma nova “National Defense Strategy” (NDS) para os Estados Unidos. O foco anterior em contrainsurgência e contraterrorismo passaria a segundo plano. A prioridade passou ao “4 + 1 Approach”: China, Rússia, Irã e Coreia do Norte, nessa ordem, seguidos pelo denominado “transnational violent extremism”. Mas dentre as ameaças listadas, não existe dúvida, de forma ostensiva, de qual a principal: a China.

Após o autodenominado “século da humilhação”, entre 1842 (derrota na Primeira Guerra do Ópio) e a Revolução Comunista de 1949, o país passou a buscar francamente ascensão no concerto das Nações. Lentamente, como no tradicional jogo chinês de “Go”, onde em um tabuleiro dezenas de peças de igual valor procuram cercar territórios e não confrontar-se entre si, sua estratégia é de longo prazo. Diferem, portanto, da mentalidade tipicamente ocidental cujo paralelo é o jogo de xadrez: busca-se a destruição física do oponente em curto espaço de tempo.

Os chineses foram se fortalecendo inicialmente na vertente econômica, mas logo passaram a investir em força de modo a se tornarem uma potência militar completa até 2035. A força seria necessária para respaldar o próximo capítulo: a expansão política, econômica e cultural (que, no entanto, já vem ocorrendo de maneira concomitante). O país, que já foi eminentemente terrestre por milênios, percebeu que, na verdade, a saída para seu crescimento reside no mar. Pelo mar passam bilhões de dólares em comércio e os cabos submarinos por meio dos quais encontram-se a ponto de dominar a tecnologia 5G na maior parte do Planeta. O mar é parte fundamental no jogo. Algumas peças precisariam ser colocadas em partes do tabuleiro antes não visualizadas: os Mares do Sul e do Leste da China.

The traditional mentality that land outweighs sea must be abandoned, and great importance has to be attached to managing the seas and oceans and protecting maritime rights and interests. It is necessary for China to develop a modern maritime military force structure commensurate with its national security and development interests, safeguard its national sovereignty and maritime rights and interests, protect the security of strategic (sea lines of communication) and overseas interests (...) so as to provide strategic support for building itself into a maritime power. (GINGRICH, 2019)¹.

Para os EUA a ameaça passou a ser tão clara, que passaram a designar a China de “peer adversary” ou adversário equivalente em termos de Poder Nacional.

Assim, nos anos seguintes à NDS, as Forças Armadas dos EUA reestudaram seus problemas militares e planejaram suas mudanças de rumo a fim de adaptarem-se. No caso particular

¹Secretário-Geral Xi Jinping, orientações ao Ministério da Defesa, 2015. Trecho retirado do livro - Trump vs. China (GINGRICH, 2019).

do USMC e da Marinha dos Estados Unidos (US Navy), surgiu um conceito partilhado por ambas as Forças que passou a ser o farol: as “Littoral Operations in a Contested Environment” (LOCE). O documento, assinado pelo “Commandant of the Marine Corps” (CMC) e pelo “Chief of Naval Operations” (CNO), tem o seguinte propósito:

The purpose of this concept is to describe “naval operations in the littoral environment in light of emerging threats” in order to provide a unified framework for Navy-Marine Corps innovation. It places a renewed emphasis on fighting for and gaining sea control, to include employing sea-based and land-based Marine Corps capabilities to support the sea control fight. (ESTADOS UNIDOS, 2017).

O problema militar residiria claramente na expansão física da China no Pacífico, ponto focal das principais linhas de comunicação marítimas mundiais. A estratégia defensiva chinesa “Anti-Access/Area Denial” (A2/AD) emprega a utilização de armamentos cada vez mais sofisticados e de maior alcance. Em outro domínio, o informacional, o salto tecnológico chinês fez com que se tornassem mestres na guerra cibernética. Os EUA passam a ver sua liberdade de navegação, pilar do seu desenvolvimento por décadas, em risco, particularmente com a ocupação de diversas ilhas e criação de arquipélagos artificiais além horizonte.

A análise comparativa de forças levou o USMC e a US Navy a uma conclusão: com suas doutrinas em voga seriam derrotados em um confronto com a China no Indo-Pacífico. Os enormes meios navais e anfíbios, que por longos anos foram garantia de poder incontestável, tornaram-se enormes alvos compensadores. As forças navais dos EUA precisariam adaptar-se ao novo tabuleiro. **Mas como conseguir projetar poder sobre o adversário sem expor suas forças?**

No âmbito naval, novos conceitos de emprego altamente descentralizado de meios e forças foram desenvolvidos, sendo o principal a “Composite Warfare” (CW). O USMC não tardou a desenvolver sua ferramenta: as “Expeditionary Advanced Base Operations” (EABO), que para implementação demandaram um redesenho geral ora em curso denominado “Force Design 2030”.

Figura 2: “Expeditionary Advanced Base Operations” - EABO (LOCE, 2017).



Fonte: ESTADOS UNIDOS, 2017.

O “Force Design 2030” pretende revolucionar a maneira do USMC realizar a guerra anfíbia no teatro do Pacífico, perante a estratégia e as capacidades A2/AD desenvolvidas pela China.

The Marine Corps will be trained and equipped as a naval expeditionary force-in-readiness and prepared to operate inside actively contested maritime spaces in support of fleet operations. (ESTADOS UNIDOS, 2019).

Nesse sentido e valendo-se das características do teatro Indo-Pacífico, o qual conta com centenas de ilhas e litorais acessíveis, está sendo estruturado o conceito dos “Marine Littoral Regiments” (MLR), como sendo uma força de FN composta por frações capazes de edificar, com agilidade, diversas EABO dentro da “Weapons Engagement Zone” (WEZ) adversária, para degradar o ciclo “Observation, Orientation, Decision, Action” (OODA) do comandante inimigo.

The effectiveness of the MLR will be its ability to conduct Expeditionary Advanced Base Operations or EABO. EABO is a form of expeditionary warfare that involves the employment of mobile, low-signature, operationally relevant, and relatively easy to maintain and sustain naval expeditionary forces from a series of austere, temporary locations ashore or inshore within a contested or potentially contested maritime area in order to conduct sea denial, support sea control, or enable fleet sustainment.

(...) the MLR is uniquely structured to maneuver and persist inside a contested maritime environment where its primary mission will be to conduct sea denial operations as part of a larger Naval Expeditionary Force. (ESTADOS UNIDOS, 2020).

Os MLR devem ser altamente letais e capazes de operar, por tempo curto e limitado, mas suficiente, dentro do alcance do armamento inimigo. Também deverão ser capazes de persistir, ou seja, de se manterem operacionais e com foco na missão durante o *OPTEMPO* estabelecido para a missão. Nesse contexto, serão mobiliados com capacidades antissuperfície (ASUP), de Guerra Eletrônica (GE), Comando/Controle (C2), Cyber, antiaérea (AAe), logísticas, Informações (Oplnfo), dentre outras.

Em resumo, os MLR devem:

- NEGAR: ao inimigo o uso dos “Key Maritime Terrain” (KMT);
- DEGRADAR: a capacidade de atuação inimiga;
- POSSIBILITAR: o funcionamento das “Key Maritime Lines” (KML) e as operações da US Navy;
- ADAPTAR-SE: ser capaz de atuar por tarefas, em diversos cenários e rapidamente;
- MOVER-SE: ter alto grau de mobilidade nos KMT;
- SUSTENTAR-SE: ser leve, eficiente e autossuficiente; e
- DEFENDER-SE: evitar detecção e ataques.

Os MLR serão projetados em terra a partir dos “Light Amphibious Warships” (LAW), os quais disporão de aeronaves de asa rotativa. Os LAW serão concebidos com capacidades que facilitem o ágil lançamento e o recolhimento dos MLR por viaturas e carros de combate/veículos anfíbios. Cada LAW apoiará um robusto Pelotão de Fuzileiros Navais (PelFuzNav), peça central da descentralização prevista no conceito EABO.

A figura abaixo apresenta um conceito de LAW, derivado de um projeto de uma empresa australiana:

Figura 3: “Light Amphibious Warships” (LAW)



Fonte: O autor.

Os MLR deverão realizar as seguintes tarefas:

Conduct Expeditionary Advanced Base Operations (EABO)	O conceito envolve principalmente o posicionamento rápido em locais não defendidos
Command and Control Distributed Forces	O MLR deverá estar apto a atuar com Pelotões dispersos até 100km
Support Maritime Domain Awareness	Ter capacidade de vigilância por meio de Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP)
Support Anti-Surface Warfare	Contará com Baterias de MSS (antínave) e Lançadores Múltiplos de Foguetes (LMF)
Support Anti-Air Warfare	Terá capacidade de ressuprir os F-35 operando de terra (armamento, combustível e reparos)
Plan and Direct Shore Based Tactical Logistics	Coordenar a logística a partir do mar, mas também a partir de terra
Conduct Fires	Ser capaz de conduzir fogos com precisão
Support Operations in the Information Environment	Atuar no ambiente informacional
Maneuver and Persist in Key Maritime Terrain	Resiliente, será capaz de atuar na WEZ

Em resumo, o futuro próximo do USMC é retomar sua vocação anfíbia e atuar em proveito da Negação do Uso do Mar ao inimigo, bem como no Controle de Áreas Marítimas no vital Oceano Pacífico por meio de PelFuzNav reforçados por diversas capacidades e com enorme mobilidade para desembarcar, atacar o inimigo e retirar-se para nova posição.

As principais ferramentas a serem dotadas serão os MSS, LMF, novos armamentos antiaéreos (AAe) de defesa de área e, em futuro próximo, os mísseis de cruzeiro; todos a partir de

viaturas. Além dos armamentos, novos sensores, capacidade de empregar F-35 a partir de pistas precárias em terra e as capacidades plenas de atuação no ambiente informacional.

A formação dos *Marines* sofrerá profunda remodelagem, a fim de permitir modificação de postura individual. Entende-se que a guerra do futuro exigirá muito mais de cada um. Assim, deverá ser formado e adestrado com certos atributos da área afetiva similares àqueles forjados nos militares de Operações Especiais tais como maior capacidade de decisão sob *stress*, capacidade adaptativa, maturidade, experiência e liderança.

Mas como abordado no início deste documento, a força expedicionária, que é o USMC, certamente continuará a ser demandada para tantas outras formas de projeção nos demais Teatros de Operações pelo mundo, no entanto passando a contar com silhueta mais enxuta, tecnológica e resiliente.

Conclusão

Conclui-se que a perspectiva futura de emprego do USMC permanece voltada ao mar. A própria China, milenarmente terrestre, debruça-se para o Indo-Pacífico e constrói uma das Marinhãs de águas azuis mais fortes do Planeta.

O USMC deve buscar novas alternativas para enfrentar um futuro próximo onde grandes esquadras se tornam altamente compensadores perante os novos domínios da guerra. A descentralização e o emprego de frações menores pode ser um caminho a ser trilhado.

O emprego de frações altamente descentralizadas, mas empregando militares cada vez mais demandados em termos de capacidade decisória em ambiente informacional degradado e o emprego de armamentos altamente sofisticados como mísseis e foguetes de precisão parece ser o futuro das forças anfíbias.

Figuras 5 e 6: À esquerda: a viatura remotamente pilotada JLTV ROGUE dotada de reparo duplo do novo MSS "Naval Strike Missile" da US Navy (alcance 100 MN) é a prioridade nº 1 do USMC para os exercícios fiscais 2020/2021. À direita: LMF HIMARS lançando foguetes guiados por GPS a partir do USS ANCHORAGE com alvo a 43 milhas.



Fonte: O autor.

Figura 7: A partir do colapso do tratado de armamento de alcance longo/intermediário com a Rússia em 2019, o USMC decidiu pela aquisição de sistemas móveis de lançamento dos BGM-109 Tomahawk com alcance superior a 1.000 MN.



Fonte: O autor.

Independente do azimute a ser trilhado, o alicerce continuará a ser a formação rigorosa dos soldados-marinheiros e sua vocação anfíbia, sem jamais prescindir dos atributos da área afetiva como a liderança. É exatamente isso que continuará a permitir aos Fuzileiros Navais a atuação nas mais variadas gamas de missões, na vanguarda dos interesses nacionais.



Referências

BARBOSA JÚNIOR, Ilques. A importância do Atlântico Sul para a segurança nacional e integração regional. *Revista da Escola Superior de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 48, ago./ dez. 2007, p.43-93.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Livro Branco de Defesa Nacional*. Brasília, 2020. 195 p. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/livro_brancocongressonacional.pdf>.

BRASIL. Marinha. Estado-Maior da Armada. EMA-305: Doutrina Militar Naval. Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. Marinha do Brasil. *Revista Marítima Brasileira*: v.129, abr.-jun. 2009. Rio de Janeiro, 2009. 320p. Alte renato

ESTADOS UNIDOS. Department of Defense. *The National Defense Strategy of 2018*. Washington, DC, 2018. 11p.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Navy. *Littoral Operations in a Contested Environment*. Washington, DC, 2017. 36p.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. *38th Commandant of the United States Marine Corps: Commandant's Planning Guidance*. Washington, 2019.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. *Force Design 2030*. Washington, 2020.

GINGRICH, Newt. *Trump vs. China: Facing America's Greatest Threat*. New York: Center Street Hachette Book Group, 2019. 407p.